

Este texto corresponde à seguinte citação

Teixeira, José (1998). "Léxico e Modelos Mentais". Comunicação apresentada nas II Jornadas Nacionais sobre a Língua Portuguesa, realizadas na Universidade do Minho, Guimarães, 6-8 maio 1998.

II Jornadas da Língua Portuguesa, Universidade do Minho, Guimarães, 6,7 e 8 de Maio de 1998

Léxico e Modelos Mentais¹

José Teixeira
ILCH-Universidade do Minho
jsteixeira@ilch.um.pt

1. O que é uma palavra?

A resposta só é evidente para quem nunca teve como tarefa tentar investigar e compreender o funcionamento daqueles "sons com significado" que qualquer ser humano normal abundantemente produz. Porque quanto mais se investiga a estrutura e o funcionamento das palavras, mais se vê que no estado actual das ciências muito pouco sabemos sobre as línguas naturais e sobre as respectivas unidades centrais: as palavras.

Todas as tradicionais teorias linguísticas despachavam facilmente esta problemática dizendo que as palavras são "sons ligados a significados". E ponto final.

Hoje em dia, graças à interligação, cada vez mais frequente, entre a Linguística, a Inteligência Artificial e a Neurologia, entre outras ciências, vai-se procurando saber verdadeiramente como os mecanismos cognitivos do ser humano interagem nas aquisições e processamentos verbais.

Para a Linguística Cognitiva, que se insere neste âmbito, as palavras não são meros signos de conteúdos uniformes e idênticos para todos os falantes. Representam, antes, processos cognitivos que o ser humano codifica na sua interacção constante com o mundo em que se insere. Ou seja, a palavra não é apenas um som ligado a um sentido, sendo este sentido definível através de traços discretos, necessários e suficientes, como defendia o estruturalismo e a análise componencial que o generativismo ainda tem pena em abandonar. Para a Linguística Cognitiva, a palavra é sobretudo um modelo mental, não uma soma de informações. É que no modelo as informações interagem constantemente umas com as outras e testam a respectiva adequação do modelo à situação que se quer referenciar.

Ora então, se um dicionário pretende representar, ainda que aproximadamente, aquilo que os falantes querem significar com uma palavra quando a utilizam, deve procurar isso mesmo: o que é que a palavra representa para os falantes dessa língua. Ou seja, o(s)

¹ Comunicação apresentada nas II Jornadas da Língua Portuguesa, Universidade do Minho, Guimarães, 6,7 e 8 de Maio de 1998 e que é uma primeira versão de parte da temática do trabalho de doutoramento intitulado "A Configuração Linguística do Espaço no Português Europeu: modelos mentais de frente/trás".

modelo(s) mental(is) que essa palavra pretende traduzir.

Todos sabemos, no entanto, que não é isso que a Lexicologia, feita em dicionários, costuma apresentar. O dicionário aparece como um cesto onde se despejam algumas informações desconexas relacionadas com cada palavra. As informações científicas, por exemplo, são prioritárias, embora saibamos que verdadeiramente elas não podem ser incluídas no significado. Por exemplo: vamos a um clássico dicionário (Augusto Moreno, 7ª edição) e vemos que o significado de uma determinada palavra é

Corpo arredondado que contém o germe de uma ave ou doutro animal; germe resultante da conjugação de um gâmeta feminino e de um gâmeta masculino.

Será que todos os falantes percebem logo à primeira que isto são apenas... ovos? Mas é o "significado" completo de *ovo* que aquele dicionário apresenta!

2. *frente/(a)trás* nos dicionários descrevendo valores contraditórios

Para vermos até que ponto é importante, num estudo lexical e lexicográfico, ter em atenção a totalidade do modelo mental que a palavra traduz, vamos examinar (aqui muito sumariamente) um dos aspectos do significado de *atrás* que os dicionários apresentam.

É facilmente aceite que a oposição *frente/trás* contrapõe dois sentidos espacialmente antagónicos e que também podem referir a temporalidade. E o "logicamente" esperado seria que *atrás* indique *lugar anterior*, *antes* ou *anterioridade* e *frente* referisse *lugar posterior*, *depois* ou *posteridade*.

Mas não é o que os dicionários nos dizem. Uma rápida espreitadela por alguns dos mais significativos, leva-nos a concluir que ao mesmo tempo que a anterioridade (o *antes*, *lugar anterior*), também *lugar posterior*, *posteridade*, *depois*, são sinónimos de *atrás*.

Assim, a *posteridade de lugar* é a **primeira** acepção que aparece no dicionário de Roquette (1863), sendo todo o resto da entrada orientado nesta perspectiva:

Atraz ou Atrás, *adv.* no lugar posterior, áquem (d'algum objecto); (*fig.*) menos; no tempo passado; após, em seguimento.

O mesmo acontece no dicionário Porto Editora (Costa, J. e Melo, A., 7ª ed.):

atrás, *adv.* detrás; no lado posterior; em lugar já ultrapassado; em tempo já passado; em posição inferior à de outrem; — **de**: *loc. prep.* na parte posterior de: depois de; em seguida a; em perseguição de. (Do lat. *ad trans*, «para lá; além»).

Igualmente, no de Augusto Moreno (1961), a *posteridade* preside e subjaz a toda a

entrada:

Atrás (L. *ad+trans*), *adv.* Detrás; na parte posterior; após; anteriormente; em posição pior que a de outrem. —*de*: depois de, em seguida a;

No *Caldas Aulete* (Garcia1986 -5 vols.) é igualmente o primeiro significado apresentado, quer para *atrás*, quer para *atrás de*:

ATRÁS, *adv.* no lugar posterior, detrás; no lugar precedente: *Atrás*, mas longe, uma vistosa quadilha de monteiros... passou rindo e folgando. (R. da Silva.) [...] || *Atrás de* (loc. prep.), no lugar ou lado posterior de, depois de; após de; em seguimento de: (*atrás de* mim virá quem bom me fará. || *Atrás de* tempo tempo vem. (Provérbios.) || Quando soube que... poucos dias se demorariam *atrás da* família. (R. da Silva.)

Também no dicionário Lello (s/autor, 1996) a posteridade é prioritária para *atrás* e única para *atrás de*:

ATRÁS, *adv.* (lat. *ad trans*). Detrás, após: *Vá na frente, eu irei atrás.* || [...] — **Atrás de**, *loc. prep.* No lugar posterior, detrás de: *Escondeu-se atrás da multidão.*

E no Dicionário Aurélio (Ferreira, 2ª ed.) para o significado de *atrás*, aparece a *posteridade* em primeiro lugar. Em seguida, *depois* e *após* no segundo grupo e só depois, no terceiro grupo a *anterioridade*. E em *atrás de* a posteridade é a única vertente presente nas três acepções apresentadas:

atrás. [Das prep. *a + trás*.] *Adv.* **1.** Na parte posterior; na retaguarda, detrás: *A mulher vinha na frente e ele atrás.* **2.** Depois, após: *Chegaram todos, porém ele deixou para vir atrás.* **3.** Antes, anteriormente, em expressões relativas a tempo anterior, ou época passada (dia, semana, mês, ano, etc.): *Estive com ele dias atrás; Meses atrás, disse-me que pretendia escrever um livro.* ♦ **Atrás de**. **1.** Do lado ou lugar posterior a: *A fazenda fica atrás da montanha.* **2.** Em seguimento a; depois de (no espaço): *Caminhou todo o tempo atrás de mim.* **3.** Imediatamente depois de; em seguida a (no tempo): "fumando cigarro atrás de cigarro" (Fernanda Botelho, *Lourenço É Nome de Jogral*, p. 12).

No *Dicionário do Português Básico* (Vilela 1991), embora não sendo uma acepção prioritária, também tem um papel reforçado:

atrás *adv.*, *prep.*

[...]

II. [*prep.*]: —(1) *Fui atrás dele durante meia hora.* • (2) — *A Joana estava sentada na fila atrás de ti.* • (3) *O miúdo comeu bolos uns atrás dos outros.* • (4) — *O teu clube ficou atrás do meu no campeonato.*

[...]

S. 2. No sentido II, *atrás de* (frase 1) quer dizer DEPOIS DE (no espaço), NO ENCALÇO DE (ling.

cuidada). *Atrás de* (frase 2) indica o LUGAR A SEGUIR, NA RETAGUARDA, DETRÁS. Na frase 3, significa IMEDIATAMENTE, DEPOIS DE.

No dicionário de Frei Domingos Vieira (1871), anterioridade e posterioridade aparecem misturadas:

ATRAZ, *adv.* No lugar precedente, rétro, posteriormente, antecedentemente; passado; apoz, em seguimento.

No dicionário da Academia (Vol.1,1976) esta acepção aparece somente em 5º lugar em *atrás* e em segundo e terceiro em *atrás de*:

atrás I. *Adv.*—[...] 5. Após, a seguir (falando de pessoas ou coisas que se deslocam): «Ao redor, *atrás* e adiante iam numerosas turbas» (M. BERNARDES, *Floresta*, I, p. 133), «a 'Bicha' tropicando adiante [...], a 'Carriça' *atrás*» (AQUILINO, *Via Sinuosa*, p. 88), «O corredor que ia *atrás* já alcançou os da frente».

II. **Atrás de** (*loc. prep.*).—2. A seguir; no encaço de: «Voo, qual dardo, *atrás* da ninfa bela e esquiva» (E. DE CASTRO, *Obras*, IV, p. 25); *metaf.*: «arrastando-se de joelhos *atrás* da realeza» (L. COELHO, *República*, p. 218). *Fig.* **Ficar atrás de** [alguém]: ser suplantado, ultrapassado por [alguém]. *Fig.* **Andar atrás de** [alguém]: perseguir, importunar [alguém] com pedidos, etc.—3. Depois de, a seguir a (no tempo): «*Atrás de* mim virá quem bom me fará.»

Em José Pedro Machado (1981), aparece também, embora sendo quase a última acepção e encaixada entre acepções ligadas à anterioridade:

Atrás, *adv* (de *trás*). Do lado oposto ao da frente. || Antecedentemente. || À retaguarda || Em plano inferior, aquém, menor. || Em esquecimento, sem referência *ou* celebração. || No passado. || Após, em seguimento. || A lugar ou a tempo anterior.

No clássico Morais (1949-59, 10ª ed., 12 vols.), a entrada *trás*, abundantemente exemplificada e com as preposições *de*, *por* e *para*, é totalmente preenchida pela acepção de posterioridade:

Trás¹, *prep.* e *adv.* Após; depois de; em seguida; atrás de: «...fazendo esgares, correndo pelo terreiro, saltando um *trás* outro», Duarte Barbosa, *O Livro*, I55, ed. de 1946; «... foi (Salomão) por luxúria e amores de gentias *trás* os deuses dos Sidónios...», Samuel Usque, *Tribulações*, I, 27; «...Trás os cristãos se lança furiosa | Que já perto da boca vão da cava», Francisco de Andrade, *Primeiro Cerco de Dio*, XVII, 77. || Precedido das preposições *a*, *de*, *por* ou *para* forma locuções adverbiais, significando também tempo ou lugar posterior, como nos casos em que aparece isolado: «O seu cabelo *por trás*, repuxado para o alto d a cabeça ...» Eça de Queirós, *Os Maias*, II, cap. I, 14; «*Para trás*, *para trás*, sempre *para trás*, ia a turba reatravessando os pátios, tropeçando nos servos que matara...», Id., *Últimas Páginas*, 173; «O Sol espreitava *por trás* da cumieira das serras ...», José Augusto Vieira, *Fototípias do Minho*, 57; «A igreja, um

largozinho e, logo *por trás* do povoado, o monte severo...», Raul Brandão, *Ilhas Desconhecidas*, 36; «Mas o hortaliçeiro dá *para trás* um salto estrondoso nos seus volumosos tamancos caídos de branco», Ramalho Ortigão, *A Holanda*, cap. 2, 47; « ... e a primeira praça de Portugal perdida, voltaram *para trás* à pressa», Rebelo da Silva, *História de Portugal*, II, cap. 5, 390; «... o ichacorvos espantou os olhos, deu dois passos *para trás*, persignou-se atrapalhadamente e caiu por fim de joelhos», Arnaldo Gama, *Última Dona de S. Nicolau*, cap. 19, 381; « ... com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas *para trás* ... », Aloísio de Azevedo, *O Mulato*, cap. 3, 52; «...quando os dias com o sol *por trás* da bambinela da bruma, leve e vaporosa cassa», Aquilino Ribeiro, *Por Obra e Graça*, 34; «...surgem *por trás* dos planos, as agulhas, os topes, as montanhas», Augusto Casimiro, *Portugal Crioulo*, 69.

Em *atrás*, a acepção de posteridade também aparece mas mais diluída: encontra-se apenas em lugar médio, imediatamente antes da acepção de anterioridade:

Atrás, *adv.* (de *a* + *trás*). [...] || Após, em seguimento: «na procissão, o andor de Cristo rompia à frente e o de sua Mãe vinha logo *atrás*». || A lugar ou a tempo anterior: «voltemos agora *atrás* e retomemos o fio».

Desta consulta feita a vários dicionários, pode resumidamente, por conseguinte, constatarem-se duas coisas que, à primeira vista, causam estranheza:

- 1) Para a entrada *trás/atrás*, a acepção de posterioridade ou é prioritária ou aparece destacada;
- 2) Aparece igualmente para a mesma entrada, como sinónima, a acepção oposta à anterior, a de anterioridade.

3. As associações dos falantes entre *frente/(a)trás* e anterioridade e posterioridade

Para verificar se a "estranheza" era apenas minha, distribuí um pequeno inquérito aos alunos de duas turmas de Sintaxe e Semântica (Curso de formação de professores):

Como no exemplo, complete com X na respectiva quadrícula as equivalências de sinónimos:

	"atrás"	"à frente"
EXEMPLO: "Nas costas" é sinónimo de	X	
"Após" é sinónimo de-----		
"Antes" é sinónimo de-----		
"A seguir" é sinónimo de-----		
"Depois" é sinónimo de-----		
"No lugar anterior" é sinónimo de---		
"No lugar posterior" é sinónimo de---		

A intenção era, obviamente, tentar verificar qual a associação prioritária que cognitivamente se faz com cada um dos termos do par *atrás/ à frente*: se a anterioridade (*antes, no lugar anterior*) ou a posteridade (*após, a seguir, depois, no lugar posterior*).

Os resultados confirmaram a intuição que tínhamos:

	"atrás"	"à frente"
1- "Após" é sinónimo de	7	61
2- "Antes" é sinónimo de	63	5
3- "A seguir" é sinónimo de	3	65
4- "Depois" é sinónimo de	4	64
5- "No lugar anterior" é sinónimo de	66	2
6- "No lugar posterior" é sinónimo de	2	66

Repare-se que para confirmar a validade do teste misturaram-se as duas equivalências de tal forma que as acepções da anterioridade ou posteridade não aparecessem juntas em bloco. O gráfico de barras (Figura 1) permite verificar a enorme constância que existe entre os lexemas da anterioridade e o *atrás* e por outro lado entre a posteridade e o *à frente*.

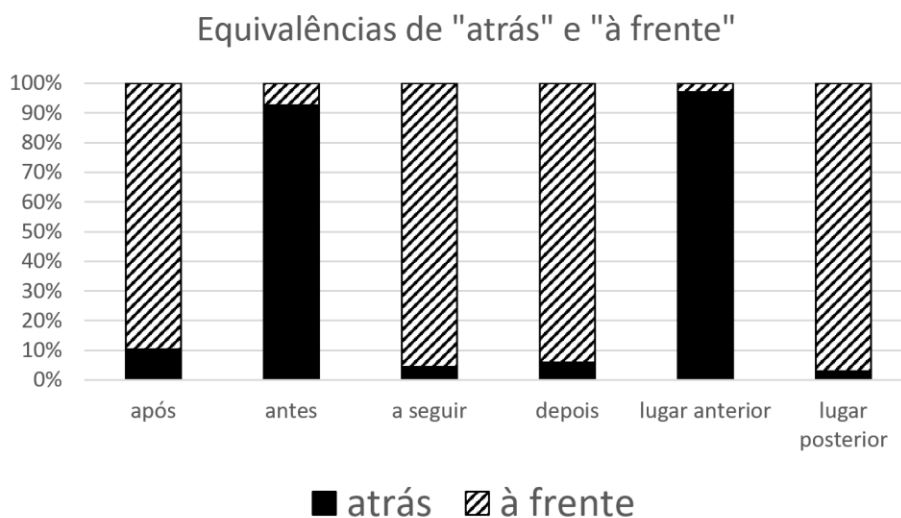


Figura 1

Como se vê, não há margem para dúvidas: para os falantes, as equivalências são exactamente as opostas às que os dicionários prioritariamente apresentam.

4. Razões para equivalências aparentemente contraditórias

Por outro lado, considerando que *atrás* tanto pode equivaler a anterioridade como a posteridade, pode perguntar-se: como é possível que o significado de (*a*)*trás* assente (se é que assenta!) em duas acepções perfeitamente antónimas?

Uma primeira tentativa de resposta, dá-a o humilde e velhinho *Diccionario dos Synonymos Poetico e de Epithetos da Lingua Portugueza* (ROQUETTE, J. e FONSECA, J.,

1863). Fazendo de *após* e *depois* sinónimos de *atrás*, esclarece:

Atrás, após, depois.

Atrás indica a posteridade de lugar d'uma pessoa ou cousa respectivamente a outra, tanto no estado de quietação como no de movimento.— *Após* tem o mesmo valor mas só no estado de movimento.— *Depois* exprime a posteridade de tempo. Mas como entre as idéas de tempo e de lugar ha alguns pontos de contacto, toma-se o termo *depois* em alguns casos com a significação de *após* ou *atrás*.

É evidente que são os "pontos de contacto" que *atrás* mantém com o espaço e o tempo que levam a que esta palavra possa adquirir cambiantes que, se confundidos, se podem apresentar como contraditórios. Mas não é apenas isso.

Defendo que a noção (espacial) de *trás* não é unimodelar, mas assenta basicamente em cinco modelos diversos, embora ligados ao modelo prototípico. Ora, juntamente com a sua faceta temporal, são também as perspectivas diferentes que se podem utilizar para configurar a noção espacial de *trás* que possibilitam modelos de referência contraditória, possibilitando nomeadamente quer a *anterioridade* de lugar/tempo, quer a inversa *posterioridade*.

Vamos examinar alguns exemplos apresentados pelos dicionários.

No Dicionário Aurélio, como já vimos, a primeira acepção de *atrás* é "na parte posterior". O exemplo:

A mulher vinha na frente e ele atrás.

A Figura 2 retrata a situação na dimensionalidade estritamente espacial. Nesta perspectiva, cada ponto mais próximo de L_i (Local inicial do movimento) é sempre *atrás*, *antes* e um *lugar anterior* relativamente ao ponto seguinte. Nesta perspectiva, portanto, *atrás* é sempre sinónimo de *antes*, *anterioridade*, *lugar anterior*.

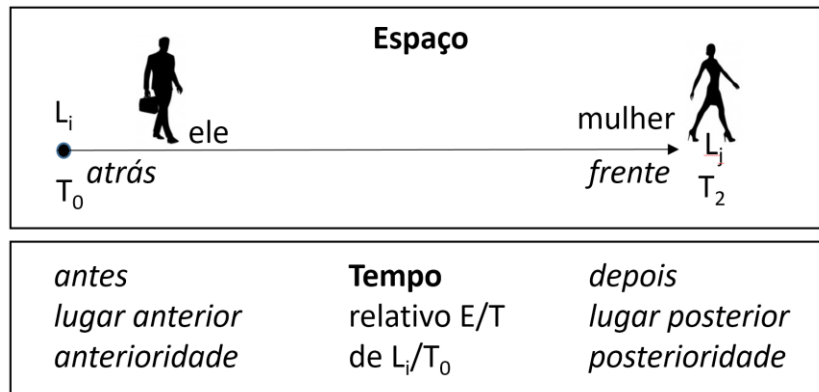


Figura 2

Só que numa situação que implique movimento, como a analisada, o modelo mental que o falante constrói para a referir tem que utilizar não apenas coordenadas espaciais,

mas também temporais. E para estas, para o tempo, **lugar atrás** implica **tempo depois**. Quem está, no espaço, **atrás** do L(ocal) x , só o atingirá, no tempo, **depois**, mais **à frente** (temporalmente) (ver Figura 3).

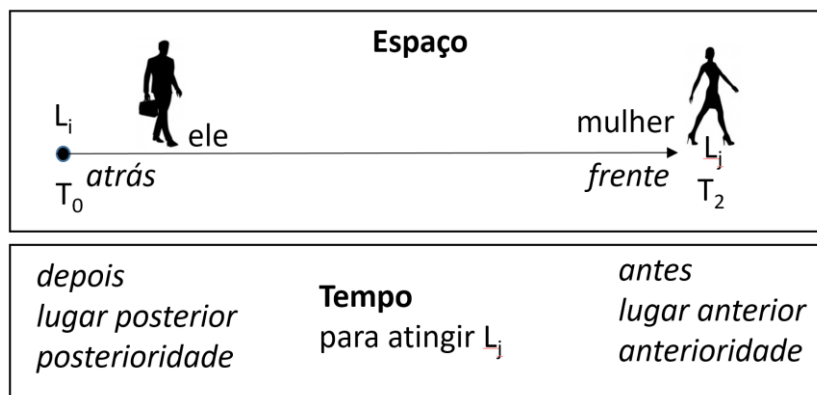


Figura 3

Ou seja: quando ele (homem) atinge qualquer ponto do espaço do movimento, continua (nesse espaço) **atrás** da mulher; mas ao atingir esse mesmo ponto já atingido pela mulher, está **à frente** no tempo relativamente ao qual esse ponto tinha sido alcançado pela mesma mulher, já que ele chega sempre num tempo **posterior**. Isto quer dizer que desde que haja movimento, estar **atrás** no espaço implica chegar **depois, à frente**, no tempo.

Pode-se, assim, equacionar esta relação do seguinte modo:

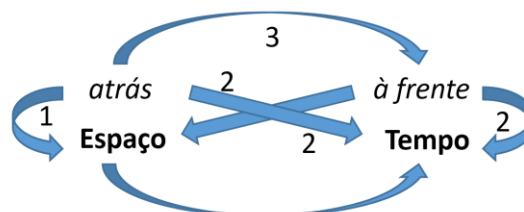


Figura 4

Na verdade,

- 1-*atrás*, no espaço, corresponde a *à frente* no tempo;
- 2-*atrás*, no tempo, corresponde a *à frente* no espaço;
- 3-*atrás* identifica-se com *à frente* quando se identifica espaço com o tempo.

É portanto uma equação perfeita de correspondência entre todos os termos. E é ela que explica a razão por que os dicionários atribuem tão prioritariamente a *atrás* a *posterioridade* e o *depois*. Só que se confunde tempo e espaço. Por isso identificam *atrás* com *lugar posterior*, o que na minha opinião é incorrecto. *Atrás* é sempre *lugar anterior*; *antes*, desde que não saíamos do modelo espacial. O *estar atrás* acarreta necessariamente uma chegada posterior no **tempo**. Ora isto, penso eu, não é igual a dizer que *atrás* é a mesma coisa que **lugar posterior**. Seria um contra-senso se assim fosse.

Mas o que é um facto é que tal identificação é feita pelos dicionários. Mas será que o falante, confunde também as relações espaço-tempo ao utilizar as equivalências que a equação do movimento representa?

À primeira vista parece que sim. O exemplo de há pouco

A mulher vinha na frente e ele **atrás**.

seria perfeitamente aceite como equivalente a

A mulher vinha na frente e ele **depois/posteriormente/em lugar posterior**.

Outros exemplos como

Eu cheguei às 10 horas, e o Pedro chegou logo atrás.

parecem confirmar isso mesmo. Na realidade esta última frase é interpretada como "o Pedro chegou pouco **depois** das 10 horas"; parece, portanto, que *atrás* equivale a *depois*.

Como é evidente, cruzam-se aqui as dimensionalidades temporais e espaciais. De outra forma não se compreendia que "depois das 10 horas" fosse um tempo "atrás" relativamente às 10 horas: "depois das 10 horas" é um tempo concebido sempre como "depois, à frente das 10 horas" e nunca *atrás*. O que a segunda frase representa é "o Pedro **vinha atrás** (no espaço) e por isso **chegou depois** (no tempo)". É a "mistura" das duas dimensionalidades que possibilita que se diga "chegou atrás" em vez de "vinha atrás e chegou depois, à frente no tempo". Aliás, por isso mesmo é que a mesma frase pode até ser interpretada da mesma forma substituindo *atrás* por *à frente* e reforçando os elementos que levam a interpretar *à frente* como marcador temporal ("eu cheguei primeiro; o Pedro chegou depois"):

Eu cheguei primeiro, às 10 horas, e o Pedro chegou logo à frente.

Se isto não permite dizer que *atrás* e *à frente* são sinónimos, também não permitir concluir que o falante os confunde ou que confunde a dimensionalidade temporal e espacial. Em vez de "confusão" penso que será mais adequado falar de "conversão": quando se trata de movimento, o falante converte automaticamente a dimensionalidade espacial em temporal e vice-versa. Pode utilizar uma ou outra sem ter a preocupação de dizer a que dimensionalidade se está a referir, já que sabe que o ALOC partilha dos seus mecanismos linguístico-cognitivos e é capaz de descodificar o que ele, LOC, pretende. Daí que, na mesma frase, possa utilizar um configurador espacial e um temporal. Quando o mesmo localizador pode ter as duas vertentes —o que acontece quase sempre— se houvesse a possibilidade de o utilizar uma vez como configurador espacial e outra vez como temporal, isso causaria, certamente confusão. Assim, embora muitos marcadores espaciais também sejam temporais (e vice-versa), há uns que são prioritariamente (prototipicamente) espaciais e outros temporais, de tal modo que quer o LOC quer o ALOC sabem que, na ausência de indicação contrária, é assim que eles devem ser

descodificados.

5. Implicações semânticas nos usos espaciais e temporais nos marcadores linguísticos

Para a situação representada na figura 5, podem-se utilizar marcadores espaciais, temporais ou até misturá-los:

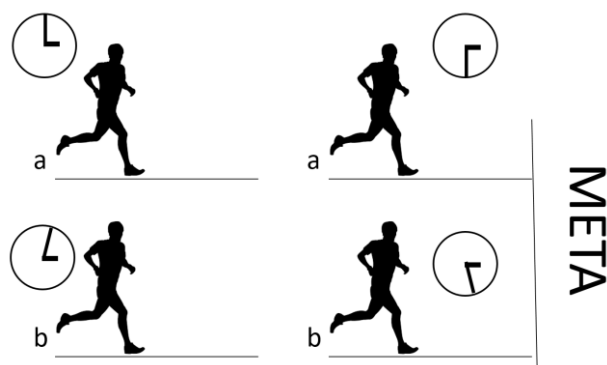


Figura 5

- 1) O atleta "a" partiu à frente, mas chegou atrás.
- 2) O atleta "a" partiu à frente, mas chegou depois.
- 3) O atleta "a" partiu antes, mas chegou atrás.
- 4) O atleta "a" partiu antes, mas chegou depois.
- 5) *O atleta "a" partiu atrás, mas chegou à frente.

Assim, na frase 1) os dois marcadores são espaciais; em 2) o primeiro é espacial e o segundo temporal; em 3) o primeiro é temporal e o segundo espacial e em 4) os dois são temporais. E 5)? Por que não é aceitável (para esta situação)? Porque utiliza marcadores que são prototipicamente espaciais. Para serem interpretados temporalmente, o que constitui uma situação inusual, terão que ser inseridos com outros vocábulos que obriguem a essa interpretação, como, por exemplo

5) O atleta "a" partiu atrás no tempo, mas chegou à frente, também no tempo.

Desde já, por conseguinte, algumas conclusões:

- Há marcadores prioritária e prototipicamente espaciais e marcadores prioritária e prototipicamente temporais;
- Cada marcador é interpretado, salvo indícios em contrário, na sua vertente prototípica (espacial ou temporal);
- Cada frase (modelo mental) pode incluir marcadores dos dois géneros;
- É a convertibilidade automática das relações espaço-tempo, no movimento, que possibilita a presença simultânea de marcadores dos dois géneros.

Começa a compreender-se, assim, o porquê de os dicionários identificarem prioritariamente *atrás* com *posteridade*, *depois*, *em seguida*, *após*: Estão a identificar um marcador espacial com marcadores temporais. Em rigor, nem esta identificação é correcta, já que não se deve dizer que *atrás* significa ou equivale a *depois*, mas que um *atrás* no espaço **implica** um *depois* no tempo. Entre estes dois grupos de palavras (marcadores espaciais da frontalidade *atrás/frente*, por um lado, e marcadores temporais de anterioridade/posteridade) não existe sinonímia, mas implicação. A não ser que se tome a implicação como equivalência e se faça destes dois grupos sinónimos.

Naturalmente que isto nos leva não apenas ao conceito de sinonímia, mas ao de significado: se o termo {a} implica {b}, {a} e {b} são sinónimos? {b} faz parte do significado de {a}? Deixemos o assunto para ocasião mais propícia.

Compreende-se do que foi dito que se se pode fazer equivaler a anterioridade de espaço (*atrás*, *lugar anterior*) com a posteridade de tempo (*depois*, *tempo posterior*, *após*) não é lícito, por confusão dos dois planos, fazer equivaler a mesma anterioridade de espaço (*atrás*, *lugar anterior*) com a posteridade de espaço (*frente*, *lugar posterior*). Seria um absurdo. Mas é o que, como vimos, aparece dicionarizado correspondendo a um triplo erro. Primeiro, dando, como sinónimos prioritários do principal **marcador espacial** de um eixo da frontalidade, marcadores temporais. Depois, não distinguindo quando esses marcadores temporais dados funcionam como marcadores espaciais equivalentes a *atrás* ou como marcadores temporais opostos.



Figura 6

Assim, no espaço, {a} situa-se **antes** de {b} = **atrás** de {b}; mas no tempo (de chegado, por exemplo), {a} situa-se **depois** de {b} = **atrás** de {b} (chega ao fim *depois* de {b} ou *atrás* de {b}) Ou seja: *atrás* pode ter como equivalentes *antes* ou *depois*, conforme eu me situo nas configurações espaciais ou temporais.

Por último lugar, o maior erro consiste em não apenas não distinguir a temporalidade da espacialidade dos marcadores, mas em tomar equivalências temporais como equivalências espaciais, o que leva a propor que *anterioridade* de lugar é sinónimo de *posteridade* de lugar ou a colocar lado a lado estas duas vertentes tomadas ambas na sua dimensionalidade espacial, ignorando, portanto, que *anterioridade* só equivale a *posteridade* quando uma é de tempo e a outra de espaço.

E quando, explicitamente, a posteridade **de lugar** é apresentada como sinónimo de *atrás*? Veja-se no dicionário Aurélio:

Atrás de. 1. Do lado ou lugar posterior a: *A fazenda fica atrás da montanha.*

A primeira surpresa é logo o facto de a *atrás de* não ser atribuído prioritariamente o significado de "lugar anterior", como em

O avião passou, e **atrás dele** ficou um rasto de fumo.

Esta viagem é longa! Já deixámos **atrás** (de nós) as cidades de Madrid, Paris e Viena e estamos quase a chegar a Moscovo!

Se tempo e espaço forem do **mesmo** movimento, *atrás* no espaço implica "anterioridade" de lugar e de tempo. É óbvio.

6. A importância dos modelos da marcação *frente/(a)trás*

Como se explica, então, que *atrás* possa ser "sinónimo" exactamente do inverso, "posteridade" de lugar?

Propomos como um dos modelos explicativos da configuração da frontalidade o **Modelo da visibilidade**. É o modelo que opõe *frente/trás* através da presença ou ausência do traço [visibilidade/acessibilidade] (Figura 7). A frase que o dicionário Aurélio cita (*A fazenda fica atrás da montanha*) toma este modelo como esquema configurador.



Figura 7

Neste modelo da visibilidade (ou acessibilidade), quando se utiliza a vertente *trás*, o configurante fica sempre entre o observador e a figura (ver esquema da Figura 8).

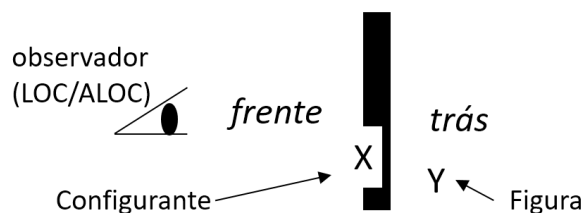


Figura 8

A relação entre os elementos que compõem o modelo é uma relação estática, já que não há a obrigatoriedade de conceber qualquer movimento entre eles (observador/figura/configurante)

No entanto, se depois de se configurar a posição relativa entre os elementos deste

modelo se conceptualizar uma relação de movimento entre qualquer desses elementos (deslocação do observador, da figura ou do configurante), é evidente que se vão encontrar equivalências que ultrapassam este mesmo modelo e que, em rigor, não só não lhe pertencem a ele como não pertencem a **qualquer** modelo do vector da frontalidade, sendo antes equivalências entre **dois** modelos deste mesmo vector.

É precisamente o que acontece com a frase citada (*A fazenda fica atrás da montanha*). Ela pode corresponder a (pelo menos) duas conceptualizações possíveis. A primeira pode ser traduzida pelo modelo da visibilidade. Ao dizer-se que *A fazenda fica atrás da montanha* entende-se que entre um possível observador e a fazenda há a montanha que a "esconde" (ver Figura 9).



Figura 9

O "observador" não precisa de existir para esta configuração ser possível. É, no entanto, sempre suposto. Podemos mesmo imaginar alguém dentro da fazenda a situá-la *atrás* da montanha, naturalmente supondo sempre um observador virtual do outro lado. Alguém que, por exemplo, de helicóptero, ande às voltas por cima da montanha, pode tomar também o mesmo ponto de vista (e não o seu), situando-a igualmente *atrás* da montanha.

Como se depreende, neste modelo de configuração os elementos (observador/fazenda (=figura)/ montanha (=configurante) apresentam-se num quadro estativo. No entanto, eu posso re-organizar a mesma situação e inseri-la, com os mesmos elementos, num quadro em que relaciono os citados elementos através de um movimento virtual do observador até à figura (fazenda) (ver Figura 10).

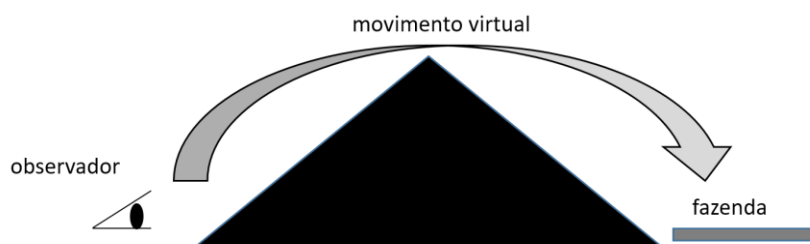


Figura 10

Na verdade, como já dissemos, no modelo acima apresentado, a visibilidade equivale à acessibilidade. Ora a acessibilidade é prototipicamente traduzida pela possibilidade de acesso de {a} a {b}, o que equivale a dizer, pela necessidade de movimento de {a} para {b}. Tudo isto leva a que muito facilmente, na configuração do eixo da frontalidade, o modelo da visibilidade ou acessibilidade "dispare" o modelo do movimento e entre os dois se estabeleça uma relação de equivalência: sendo {ob} o observador, {x} o configurante e {y} a figura, se {y} se situa *atrás* de {x}, {x} situa-se entre {ob} e {y}; isto implica que o movimento de {ob}

temporalmente atinge primeiro {x} e **depois** {y}. E é a partir desta implicação que no modelo da visibilidade/ acessibilidade se estabelece a equação *atrás* (no espaço) equivale a *depois* (no tempo).

Os fenómenos de implicação e conversão entre modelos são bastante frequentes ocorrendo com perspectivas diferentes de leitura de um mesmo modelo. Isto mesmo se verifica numa outra aceção de *atrás de* que o mesmo dicionário Aurélio apresenta pouco depois:

3. Imediatamente depois de; em seguida a (no tempo): "fumando cigarro atrás de cigarro" (Fernanda Botelho, *Lourenço É Nome de Jogral*, p. 12).

Como se vê, também esta aceção, como quase todas as que apresenta, faz corresponder a *atrás de* a noção de posteridade. Para se ver como este processo de equivalência é possível e as correspondências que implica, analisemos o exemplo que ilustra esta aceção.

Ao dizer-se *fumando cigarro atrás de cigarro* está a dizer-se que fumou um cigarro, depois fumou outro, depois outro e assim sucessivamente, como representa o esquema da Figura 11. Ou seja: o cigarro 1 foi fumado **atrás** ou **antes** do cigarro 2, este **atrás** ou **antes** do cigarro 3 e assim por diante.

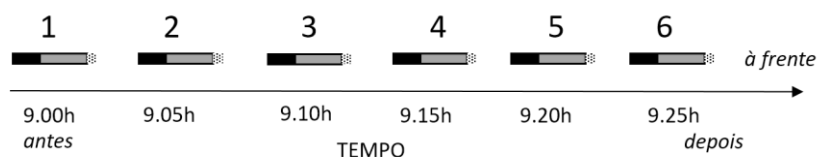


Figura 11

Ora nesta perspectiva, encarando a totalidade do processo desde o início (o primeiro cigarro), como ainda agora se viu, *atrás* equivale a *antes*.

Só que o processo pode também ser perspectivado com outro enfoque: o da repetitividade (ou iteratividade, se se preferir) que, como é evidente, é aqui o aspecto semântico mais destacado. Ora o processo da iteratividade não começa no primeiro cigarro, mas no segundo. Só começa a haver repetição quando o cigarro 2 é fumado **depois** do cigarro 1, continuando o processo pelo facto de o cigarro 3 ser fumado **depois** do 2, o 4 **depois** do 3 e por aí fora.

Como se nota, portanto, há duas formas distintas de sequencializar o processo: o cigarro 1 foi fumado **antes** ou **atrás** do cigarro 2; ou então, o cigarro 2 foi fumado **depois** ou **a seguir/à frente** do cigarro 1

Enquanto os dois processos são vistos distintamente, mantêm-se, por conseguinte, as equivalências *atrás=antes/ à frente=depois*. Quando os dois processos fazem amálgama, então a equivalência espaço-temporal não é feita dentro de cada um, mas entre um e o outro: ou seja, o processo da iteratividade (baseado na vertente *depois de*) é tomado como equivalente

ao processo da sucessividade inicial (baseado na vertente *atrás*). E assim, passa *atrás* a ser tomado como equivalente, como "sinónimo", de *depois*.

Para mostrar que este processo de sinonímia existe entre modelos diferentes, e não entre marcadores espaço-temporais, veja-se:

fumando cigarro **atrás** de cigarro

pode ser equivalente a

fumando cigarro **depois** de cigarro,

que é equivalente a

fumando cigarro **à frente** de cigarro.

Isto quer dizer que a mesma "lógica" que leva a considerar *depois* como sinónimo de *atrás* pode levar também a considerar *depois* como sinónimo de *à frente*. No fim de contas, e pela mesma "lógica", *atrás* também será sinónimo de *à frente*...

Há ainda um outro factor que vem reforçar a equivalência entre *atrás* e *depois* ao qual já nos referimos: o mecanismo de conversão entre as configurações espaciais e temporais. Como já vimos, havendo mais do que um movimento com a mesma direccionalidade e sentido, *atrás* no espaço implica *depois* no tempo: o objecto móvel de um movimento começado *depois* ({a}), é concebido como estando *atrás* de um outro objecto que já se moveu ({b}).-

É assim que se compreendem frases como

Eu fumei um cigarro e a Ana fumou logo atrás de mim.

Aqui, *atrás de* não tem valor espacial: não significa que a Ana se pôs atrás das costas do LOC a fumar, mas que fumou **depois** dele.

Esta convertibilidade, em que *depois* equivale a *atrás*, vem, pois, reforçar a equivalência feita entre a perspectiva da sucessividade inicial e a perspectiva da iteratividade que conduzia, também, como vimos, a identificar *atrás* com *depois*.

A este respeito, o *Dicionário do Português Básico* (Vilela 1991) parece ser o único a ter em atenção, na estrada *atrás*, alguns aspectos importantes. O primeiro, é que o equivalente espaço-temporal mais prototípico de *atrás* não é *depois*, mas *antes* (indicado como primeiro significado). O segundo é que quando *atrás* significa *depois* se insere num modelo derivado (e aparece no dicionário como segundo significado). E embora nem todos os exemplos que apresenta pertençam ao mesmo modelo e se encontre a habitual equivalência entre valores espaciais e temporais, indica, no entanto, um que serve para mostrar quando *atrás* tem que ser prioritariamente tido como equivalente a *depois*:

7. Conclusões

O funcionamento da globalidade destes processos que até agora analisámos levamos a defender que

1) a posteridade de lugar/tempo (em lexicalizações como *lugar posterior, adiante, depois, em seguida, após*) não pode ser considerada a equivalência prioritária, muito menos única, como alguns dicionários fazem, do configurador (*a*)*trás*.

2) a posteridade não é a acepção mais sinónima (no sentido de " mais próxima da igualdade") do localizador *atrás*, qual cognitivamente se identifica mais com *antes, lugar anterior, anterioridade*.

3) tais acepções (quer de anterioridade, quer de posterioridade) só podem ser consideradas sinónimos de *atrás* se se entenderem por **sinónimas** lexicalizações **implicativas** funcionando em âmbitos diferentes embora interligados (como é a realidade espaço-tempo).

Dicionários citados:

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 1976, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Vol.1 (A-Azuverte), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- COSTA, J. Almeida e MELO, A. Sampaio, *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª ed., Porto Editora.
- FERREIRA, Aurélio Buarque da Holanda, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Editora Nova Fronteira.
- GARCIA, Hamílcar de, 1986, *Dicionário Caldas Aulete*, (5 vols), 5ª ed.
- (LELLO) (s/ nome do autor)1996, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1ª ed., Lello-Editora Sistema J.
- MACHADO, José Pedro, 1981, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Amigos do Livro.
- MORENO, Augusto, 1961, *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*, 7ª ed., Editora Educação Nacional, Porto.
- ROQUETTE, J.-I., 1863, *Diccionario da Lingua Portugeteza de José da Fonseca*, J.-P. Aillaud, Guillard e Cª, Pariz.
- ROQUETTE, J.-I. e FONSECA, José da, 1863, *Diccionario dos Synonymos Poetico e de Epithetos da Lingua Portugeteza*, J.-P. Aillaud, Guillard e Cª, Pariz.
- SILVA, António de Moraes, 1949-1959, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, (12 vols.), 10ª ed., Confluência, Lisboa.
- VIEIRA, Frei Domingos, 1871, *Grande Diccionario Portugetez ou Thesouro da Lingua Portugeteza* (5 vols.), Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes (Editores.), Porto.
- VILELA, Mário, 1991, *Dicionário do Português Básico*, 2ª ed., Asa, Porto.